

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA  
GUIOMAR TORREZÃO

1.<sup>a</sup> SERIE

NUMERO 22

GERENTE  
HENRIQUE ZEFERINO

LISBOA, 30 DE ABRIL DE 1881

## CHRONICA ALEGRE

Afinal sempre chegou!

*Vem ó dona cheia de graças...*

Em vez, porém, de apparecer-nos sob o aspecto de uma pastinha do Trianon, de saia curta, sapato decotado e chapeo redondo, guarnecido de raminhos de flores, tal qual ella fluctuara nos sonhos azues dos vates lyricos, apparece-nos sob a figura de uma saioia de Loures, robusta e forte, torrada pelo sol e devorada pela poeira.

De todas as maneiras ficou frustrada a expectativa dos cantores da primavera, porque a inconstante não só não se apresenta, como das outras vezes, a pedir sonetos murmurados em troca de brisas fagueiras, como começa desde já a pedir algumas carapinhadas!

Passámos por conseguinte, sem transição, de uma inundação de chuva a uma inundação de sol.

E sendo este o facto capital da semana, não é completamente aquelle que mais titulos encerre á gratidão de um chronista que tem por principio indisciplinavel acareciar com a sua penna de aço os assumptos que possam recrear a imaginação dos leitores.

Porque esta deliciosa estação dos namorados, em que a terra parece um grande lago azul ligeiramente encrespado pela aza de um cysne branco, em que na tonalidade da atmospheria subtil e pura as arvores sacodem orgulhosamente os seus penachos de folhas com o jubilo altivo dos que se sentem amados, e os alegretes entornam dos calices escarlates das rosas ondas de essencias finas, concorrendo triumphantemente com o sr. Violet, o perfumista da alta *gomme*, está sendo tambem, mercê das versatilidades galantes da temperatura, a estação das febres.

E quando nós, passeiando despreocupadamente ao longo de uma alameda orlada de lilazes e abobadada de jasmims, respirando amplamente o bom ar oxygenado, tivermos a delicada lembrança de colher uma rosa, prendendo-a no cabelo, é possivel que o *accesso*, divagando no ether juntamente com as borboletas brancas e os bezouros negros, tenha tambem pela sua parte a lembrança amavel de colher-nos a nós, prendendo-nos a um fauteil, em tête-à-tête com o sulfato de quinino.

As condições anti-hygienicas de Lisboa, abandonada á sua pro-

pria iniciativa, como as meninas mal creadas a quem os paes permitem a satisfação de todos os caprichos, a liberdade animal com que esta ditosa Lisboa perpetra, mediante a absorção periodica de todos os *miasmas* accumulados, envenenamentos impunes, mergulhando indiferentemente os pés no lodo que se chama a agua do Tejo, e cheirando com o seu nariz mosarabe de sultana do mesmo Tejo as sargetas saturadas de ammoniaco, favorece por todos os modos, e sem o menor escrupulo, a nacionalisação da febre. Debalde luctam contra ella as condições climatericas, debalde lhe representam com a eloquencia de um bom ceo luminoso e desafogado, de um ar temperado e puro, de um rio espelhante e amplo, lançado em curveteados ondulantes e frescos atravez dos meandros de duas margens accidentadas e excellentemente expostas, que Lisboa não é positivamente o Bihé, que o Chiado está longe de ser o sertão, com quanto passeiem ás vezes ao longo do seu asphalto derretido leões igualmente perigosos, embora muito menos perfeitos, no ponto de vista da plastica, do que os leões d'Africa.

A indifferença dos srs. ministros e o desamor dos srs. vereadores, não se dignando repartir com ellas a ternura que consagram ás suas pastas e a sympathia que professam pelos seus eleitores, e negando-lhes o saneamento da cidade sem o qual a influencia do clima é completamente nulla, demonstram que igual á paixão que elles sentem pelos seus correios galopantes, pelas suas fardas douradas e pelo degrau macio que da vereação conduz S.<sup>as</sup> Ex.<sup>as</sup> ao capitolio de S. Bento, só pode existir o amor que elles votam ás febres que nos conduzem a nós á rocha tarpeia da covia.

E aqui está como o aspecto do quinino, ministrado a um ente que representa para a pessoa que escreve estas linhas a imagem de Deus na terra, teve a habilidade de transformar uma *Chronica alegre* em uma *Chronica triste!*

G. T.

## PERFIS CONTEMPORANEOS SCHENEIDER

Observando bem os passeiantes que, ao cair da tarde, vão até ao Bosque de Bolonha, nota-se que todos e todas, todas principal-

e que não tinha bens a legar-lhe, teve o bom senso de lhe mandar dar uma educação esmerada, que elle aproveitou. Justo sustenta actualmente sua mãe adoptiva, gosando ella de todas as commodidades. É um ideal como filho. Com isto quero dizer-te que tractarás com um homem leal, de consciencia exemplar e coração recto.

Agora vamos á questão de interesses. Justo Odoard deseja ganhar o mais que fôr possivel: é um grande pratico. Tem elle um fito honroso. Mas a ti não te imporá condições. Já lhe disse quem tu eras, e que bastaria que elle te indicasse o maximo e o minimo dos ordenados de architecto para que tu lhe recompenses generosamente a actividade e saber. Vae inclusa, e n'uma folha áparte, a tabella dos preços e o conjuncto do extracto dos trabalhos executados por elle ultimamente, e que são o attestado dos seus merecimentos de artista. Como nunca o perdesse de vista, embora não tenha grande intimidade com elle, aconselho-te que te fies na sua lealdade, em quanto á gerencia dos teus interesses.

E agora, deixa-me dizer-te quanto penso da especie de associação em que me prescreveste trabalhar. A tranquillidade do teu espirito parece-me mil vezes mais importante do que as obras que projectas na tua propriedade.

## FOLHETIM

## ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

PRIMEIRA CARTA

AO DUQUE D'AUTREMONT

Castello d'Autremont 18...

*Meu caro Flamiano*

Conhecerás dentro em poucos dias o joven architecto que te envio. Não creias que eu o tenha em pouco apreço, por te fallar lacoicamente a seu respeito. É um rapaz de merecimento incontestavel, e que eu conheço ha muito tempo. Foi meu discipulo no collegio de... Chama-se Justo Odoard, nome de phantasia, ou pseudonimo, como queiras, pois é engeitado. Uma solteirona que o adoptou,

mente, ao chegarem á avenida do Bosque, no mesmo plano da casa da diva, voltam a cabeça para o elegante palacete, alli levantado pela mão do architecto Fèrot, e tentam surprehender, pelas janelas abertas, os encantos do interior.

Dizia-me, ainda não ha muitos dias, uma senhora do bom tom:

— Parece-me soberba esta casa da Schneider. O que ella devia fazer era patentear a a luz por pessoa. Aposto, em como no espaço de tres mezes, colhia cem mil francos, que depois daria aos pobres.

Teve esta senhora uma ideia que hei de submeter á opinião da grande artista. Mas, enquanto o não faço, e, em fórma de antegosto, peço-lhe, minha senhora, se dê ao incommodo de lêr esta planta da casa que eu proprio levantei em casa da artista, em attenção a v. ex.<sup>a</sup>, com a consciencia de um official de diligencias e a semceremonia de um *reporter*.

O visitante entra pela rua Lesueur e acha-se n'um pateo immenso. Á esquerda, a construcção principal, á direita as casas de serventia, cuja descripção vou terminar em duas palavras.

Pelas portas entreabertas das cavallariças vejo eu dois *cobs* e dois cavallos russos; ao lado, e tapadas de sarja verde, cinco carruagens, um caleche de oito molas, duas *victorias* e dois *coupés*.

Tudo isto brilha na sombra. O sol faz reluzir o aço dos arreios e põe tons luminosos na porcelana das manjedouras.

A palha que serve de cama aos cavallos, enrançada em volta, exhala um cheiro quasi agradável de estrebaria de casa rica.

De repente, ouve-se o som de um sino, um som que surprehende. Não é um tilintar alegre e harmonioso, mas uma vibração grave, quasi plangente. Se continuasse, era perfeitamente um dobre de finados.

De torres sei eu que dão as *Ave-Marias* no mesmo tom. A cantora andou por muito tempo procurando esta nota, privilegio dos antigos carrilhões. Para a encontrar percorreu todos os fundidores de Paris.

— Já sei o que deseja, minha senhora, disse-lhe o ultimo d'estes industriaes; v. ex.<sup>a</sup> quer um sino rachado, como este, por exemplo...

E levantando uma sineta velha, ferrugenta, aberta e com uma data muito antiga, deu n'ella uma pancada: o bronze mugiu.

— É isso mesmo! disse a Schneider; um *fa sustenido*... Mas, diga-me, para marcar as horas dadas por esta sineta não pode servir um mostrador moderno? Teriamos effeito identico ao de um *crève*, experimentando-se na linguagem de Rabelais. Veja se me encontra tambem um mostrador *fa sustenido*.

E aqui está como o relógio das dependencias domesticas tem um mostrador esmaltado do tempo de Luiz XIII, arrancado talvez ao frontão de uma velha igreja do Angoumois.

Não abandonarei esta parte do edificio sem apresentar aos meus leitores um dos seus inquilinos, um bello cão hespanhol, chamado *Graus*. A acreditar na metempsychose, a alma de *Graus* habitou necessariamente o corpo de um *raffiné*. Quando a dona entra o ex-

cellente animal corre ao seu encontro, pega-lhe delicadamente na mão direita com o focinho e assim a acompanha até ao patamar, com a solemne altivez de um camarista.

Feito isto, *Graus* volta para a sua casinha, a continuar com as pulgas—pulgas hespanholas, notem—a conversa que havia pouco interrompera.

Antes de entrar no templo, cumpre-me apresentar-lhes a deusa. Não é um retrato que eu pretendo fazer. A photographia, a gravura e a pintura teem-nos enchido de Grãs-duquezas, Pericholes, etc. Além d'isso, é quasi indescritivel aquelle rosto extraordinario, sempre juvenil, illuminado por um olhar indefinivel, aquelle sorriso impregnado de fina ironia, aquella expressão affavel, que não tendo regularidade mathematica, nem belleza transcendente, possui encantos a que ninguem pode resistir. Além d'isso eu proponho-me analysar apenas algumas particularidades estranhas á ordem physica. Ha n'esta bonita cabeça cousas que nem sequer se suspeitam. Dotada de uma energia e de uma vontade completamente varonis, a seductora diva é conforme lhe apraz homem ou mulher. Só um cerebro masculino poderia dirigir com tanto acerto a construcção, o arranjo, a escolha de mobilia que vale bem um milhão e quinhentos mil francos, avaliada por baixo preço. A Schneider comprou e escolheu ella mesma, peça por peça, as maravilhas de gosto, de elegancia e commodidade que ella encerra.

Artista e amadora, correu durante seis mezes todos os bric-à-brac, chegando mesmo a ir até á provincia ver as raridades que lhe recommendavam alguns correspondentes dedicados. Na sua presença foram collocadas nas paredes tapeçarias de elevado valor, descobertas pela gentil proprietaria. Os amadores não preparam um unico prego sem que ella visse, e inda não ha muitos dias que tomava as suas refeições nos proprios degraus das escadas, onde superintendia os trabalhos dos operarios.

A porta da entrada é encimada pelas armas da castella: uma lyra sustentada por dois amores e rematada por uma corôa de rosas com esta divisa: *je chante!* brazão simultaneamente elegante e eloquente. Essa porta em que está esculpida a data, 1523, divide em duas partes a escada de cantaria, metade da qual protegida por uma varanda enorme dá para o pateo, communicando a outra metade com o grande peristylo. É aqui que o encanto começa. Cobre flamengos, objectos cinzelados, barometros, estofos rarissimos, madeiras esculpidas, ornamentação de alto estylo, nada falta. A escada do interior que sobe para o primeiro andar é tão larga, que podem perfeitamente subil-a seis pessoas a par. Os degraus, de velho carvalho authentico, foram para alli levados aos bocadinhos e construidos com mil cuidados. É tão suave o declive, tão baixos os degraus, que se podem subir sem se dar por isso... Esta primeira antecamara é um deslumbramento. Não levou menos de seis mezes a acabar este *hall*, vasto e tão luxuoso que a propria mademoiselle Schneider chegou a dizer-me:

— Estive quasi resolvida a dar um *panquete* na escada.

O facto é que ha alli espaço sufficiente para se dar um baile

Approvo a direcção que tomaram os teus pensamentos, ultimamente. Se consagras o teu tempo e dinheiro para aformosear o teu decrepito solar, fazes-me crear uma esperanza: ver-te qualquer dia quebrar a tua solidão. Quererás por companhia uma mulher virtuosa e afavel. Desde que terminou o teu luto, é a segunda vez que te fallo n'isto. Talvez me respondas como da primeira: que não estás ainda disposto a substituir a digna esposa que ha cinco annos perdeste. Mas olha que aos trinta, meu caro filho, é uma boa idade de recomeçar vida nova. Reflectirás, e com o teu consentimento, tornarei a tratar do mesmo assumpto na minha proxima carta. Eu não quero transgredir a delicadesa dos teus intimos sentimentos com a minha insistencia, e contra vontade tua.

Comtudo, seja-me permitido dizer-te que a solidão é má conselheira e, especialmente para uma alma apaixonada como a tua. Tratando tu Justo Odoard como companheiro e amigo, (são as tuas proprias palavras) fazes-me ter vagas apprehensões a esse respeito. Dizes tu: «Quero que elle seja honrado e intelligente, habilitando-me a fazer-lhe um arrendamento de desoito mezes, ou dois annos, e tornando-lhe a solidão menos austera, ao tratá-lo como companheiro e amigo.»

Reconheço n'isso a candidez e bondade da tua infancia. Estou certo que cumprirás a palavra empenhada, graças á benevolencia do teu genio. Mas se o meu joven architecto lucra aproveitando as tuas intensões generosas, lucrarás tu igualmente? Se em relação á existencia agitada e cambiante de uma grande cidade basta ser honesto e intelligente para ter a honra de travar amizade com um homem como tu és, e indispensavel muito mais para fazer face ás exigencias de um ermo como o teu.

Creio bem que Odoard não se aborrecerá, gostando apaixonadamente de trabalhar como gosta; mas das alternativas do trabalho resultará a melhor ou peor disposição moral do seu espirito. O teu costumado recolhimento mental estranhará essas alternativas. Embora muito bem creado para ser caprichoso ou exigente, é menos cerimonioso do que tu, e magoar-te-ha involuntariamente querendo fazer-te partilhar opiniões diversas do teu modo de ver. Por exemplo, elle é muito mais partidario das doutrinas liberaes, segundo penso, do que tu e eu. Julgo mesmo que é republicano, e só por deferencia é que se terá abtido de discutir commigo a esse respeito. Se o não animares n'esse sentido, não ousará elle da mesma sorte discutir os teus principios. Comtudo, como amigo e companheiro,

a cem pessoas. Abrem para este quadrado sumptuoso o salão e a casa de jantar.

Guiado pela dona da casa passei o limiar d'este aposento e senti-me tomado da impressão que se experimenta ao entrar nas camaras reaes do velho Louvre.

Esta sala de jantar, com os seus aparadores a vergar sob o peso das baixellas de ouro e prata, com os seus esmaltes e faianças, lembra tambem, pela ordem em que estão, as salas do museu de Cluny. Seria um nunca acabar se eu tivesse a veleidade de querer consignar aqui os detalhes artisticos d'este refeitório sem rival. O panno de meza tem o aspecto de um bom quadro de Le-Loir; a genealogia dos ferros do fogão está gravada nas trempes; os tijolos da fornalha vieram das demolições historicas, operadas em Flandres. Este vaso de Nevers, da altura de um tambor-mór, foi comprado em casa da sr.<sup>a</sup> Cordier. E esta cortina de *quipure*? Como ella infiltra suavemente a luz, de parceria com as vidraças da edade media, encaixadas nos montantes de enormes janellas!

Um reparo a proposito:

A Schneider tem um tic, uma mania, passa o tempo a limpar o pó que por excepção pouca nos *bibelots*, sempre nitidamente cuidados. Os seus sete creados andam constantemente de espanedor em punho.

É ella em pessoa quem commanda este esquadrão, armada de uma vassoura microscopica. Apesar de tudo, já chegou a transigir com as suas fraquezas. Schneider sabe perfeitamente que a belleza das vidraças consiste em não estarem limpas, e que o tempo pon-do uma certa dose de pó nos vidros de côr, dá-lhes um aspecto esfumado cheio de poesia.

Uma vez ouvi-a ralar com um creado que não limpára os moeis e sacudira o pó dos vidros.

— Não se limpam as vidraças, dizia ella furiosa.

E não descansou enquanto os creados não foram deitar pó nos vidros, imitando os donos dos *restaurants*, que quando se lhes pede vinho velho, apresentam as garrafas cobertas de teás de aranha artificiaes.

Dous salões do estylo Luiz XIV e a estufa completam o rez do chão. A estufa tinha empobrecido os tropicos em proveito proprio, — as portas d'este eden, circumstancia digna de menção, eram copia das da estufa do 2.<sup>o</sup> acto da *Sphinge*.

Em uma das representações d'este drama, Schneider, impressionada pelo desenho das portas, pedira e obtivera do sr. Perrine que lhe enviasse o desenho.

O fundo d'este jardim de inverno é completamente fechado por um espelho de cinco metros de comprido por quatro de largo.

Que de difficuldades quando o transportaram de casa do armador para o palacio! Colocado ao alto, sobre uma carroça, espantava os cavallos que passavam. Um *pur-sang* de um conde conhecido, o mais excentrico dos fidalgos do *sport*, espantou-se e esfolou o joelho direito. O cavalleiro nada soffreu; no entanto chamou aos tribunaes por perdas e damnos a Grã-Duqueza, que se limitou a dar-lhe a bei-

jar a mão *gantée* com o grande ar de uma imperatriz. . . O conde, encantado, propunha-se a fazer esfolar o joelho esquerdo do animal, quando a Grã-Duqueza o advertiu que todas as suas concessões findariam alli.

Percorrendo ao acaso os corredores, encontramos-nos nas lojas quando julgavamos alcançar o primeiro andar. Estava aberta a porta da cosinha e eu via contornar-se na penumbra uma escada de serviço em cujo forro estavam mettidos mais de vinte tubos de tamanhos diversos. Estes tubos constituem o systema venoso e arterial do palacio; são elles que distribuem por toda a casa a agua quente e fria, o calor e a luz. Profundam no subterraneo estas serpentes de chumbo; alguns, os da agua, partem da cozinha. Tenho visto bastantes cozinhas na minha vida, mas como a de mademoiselle Schneider, confesso que ainda não vi nenhuma; excede quanto se possa imaginar. Vatel e Carême orgulhar-se-hiam de trabalhar alli. Por toda a parte a nogueira, o marmore branco, a faiança e o cobre polido. As extremidades das prateleiras onde as cassarolas brilham como sóes, guarnecidas de renda. Do mesmo modo os armarios, as pias de lavagem, o refeitório dos creados, tudo está irreprehensivelmente limpo, polido, admiravelmente organizado.

Dir-se-hia a cozinha de um convento. Arranca-nos esta illusão a cosinheira, uma belga, fallando desembaraçadamente; e o aroma provocante das iguarias, eminentemente mundano, protesta contra o regimen ascetico dos mosteiros.

Eis-nos no primeiro andar.

Entremos no gabinete de trabalho. Moveis de todos os generos, largos *divans* em que se pôde dormir atravessado, coxins orientaes, secretarias de laca, cadeiras baixas enterrando os pés no pello comprido dos tapetes asiaticos, jardineiras de cobre, bojodos vasos do Japão. . . um deslumbramento!

Uma das mesas exhibe uma collecção de taças offerecidas á diva pelos auctores e empresas, cujos cofres encheu de ouro.

Sobre o *guéridon* está aberto um livro; a faca de cortar papel, que marca a pagina, ainda não percorrida, é de ouro massivo incrustado de diamantes. Pelas paredes esboços dos mestres: Uma *Raposa* de Fortuny e numerosos retratos de Pérignon. Muitas telas representam os cães predilectos da graciosa artista, Terras novas e outros. Os cães não abandonam nunca a dona, são a sua guarda. Saltam-lhe ao collo, se ella se senta, e enroscam-se-lhe na cauda do vestido, de modo que ao levantar-se a Schneider arrasta pelos pavimentos de mosaico uma ninhada de fraldiqueiros impudentes. Cinco, na minha presença, passaram assim do gabinete de trabalho para o quarto de dormir, onde nos deteremos um instante.

O leito, estylo Renascença, de sobrecoço, ergue-se sobre um estrado coberto de velludo de Utrech, a ponto da maliciosa Perichole dizer com extrema graça:

— Quando vou dormir deixo as minhas chinelas no rez-do-chão e deito-me no primeiro andar.

Dous espelhos enormes, collocados nas paredes, aos lados do leito, dizem duas vezes á *diva* se ella é tão bonita ao deitar como

permitted-lh'o-has. Ao principio, suppondo que só tenham debates cortezes, isto deve alterar os teus habitos e perturbar a atmosfera que respiras; é possível que te distraia nos primeiros dias, mas acabará por cançar-te a paciencia. Além d'isso, este rapaz deve ter paixões, e ver-te impor um religioso freio ás tuas, hade parecer-lhe incomprehensivel. Que mais te direi? Tanto quanto o permite o seculo actual, elle é um excellente rapaz, mas é um operario que construe egrejas e capellas sem dar grande importancia ao culto que lá se venera. Tu não estás habituado a discussões e sei que não aprecias o genero. Consentirás tu em defender os teus santos principios sem lastimar o tempo perdido em refutar vãos sophismas? Além de que não ha modo de vacillar quando se tem dentro d'alma o lume da fé; reage-se infallivelmente.

Todas estas reflexões occorreram-me esta manhã, em seguida a ter expedido a Justo Odoard a carta que lhe servirá de apresentação. Não lhe quiz dizer o pé de intimidade em que tu pretendes acolher-o. A minha resolução proveio de uma resposta dada por elle, e que me fez scismar. Aconselhando-o eu a que não ferisse as tuas susceptibilidades com respeito a idéas politicas e religiosas, em logar de me retorquir: «Respeito essas idéas», contentou-se em di-

zer-me: «Não tenho coisa alguma com os principios alheios». Impressionou-me a expressão incisiva e o olhar frio d'esse homem, e comecei então a pensar tudo quanto submetto á tua apreciação. Elle perguntou-me se acharia pousada para dormir e comer n'essas montanhas; tomei á minha responsabilidade responder-lhe que tu te encarregarías do seu alojamento, sem que elle tivesse necessidade de intervir; mas que sendo tu muito estudioso só te veria nas horas de folga. Bastou isto de certo para que elle comprehendesse que comeria separado, sendo só convidado a jantar contiguo de vez em quando.

«Visto isso, e uma vez que tenho de viver só, retorquiu levarei commigo livros e utensilios para escrever.»

Não me pareceu, porém, que elle ficasse descontente.

Portanto, meu amigo, estás livre para seguir os meus conselhos ou revogares a minha sentença. Pego-te que reflexiones, e rogo-te que me estimes sempre tanto como eu te estimo.

Melchior de Saint-Faust.

Trad. livre de

PAULA RAMANZI.

ao levantar. Tem uma historia este leito. Indicado á actriz pelo colleccionador da casa Rotschild, foi por ella comprado juntamente com a colcha de setim escarlate, enfeitado de seda branca, tudo da mesma epocha. Veio de Veneza, onde fôra tirado de um velho palacio pelos adelos que acompanhavam Napoleão I.

Quem sabe se uma veneziana, de olhos languidos e cabellos dourados, fechou as palpebras franjadas de negras pestanas debaixo d'este doce principesco?... A colcha, se fallasse, talvez nos referisse chronicas... picantes; prova-o uma mancha esbranquecida: quem sabe se uma gota de veneno lhe comeu a côr, ou se seria a bella que tivesse enterrado demais os dentinhos alvos no fructo que lhe apresentara a sua negra favorita!

Apenas entramos, vimos saltar, do soberbo leito uma gata espantada pela nossa presença. Os flancos do animal indicavam a proximidade dos jubilos da maternidade. A Grã-Duqueza, que daria, necessariamente, uma excellente presidente da sociedade protectora dos animaes, contenta-se apenas em admoestala-meigamente.

— Com que então desejas ter os gatinhos em cima de setim que tem mais de quinhentos annos? Olha que é ser exigente de mais, queridinha.

O fogão é rematado por um retrato de Boulotte, também pintado por Pérignon.

Só me agradou metade d'esse busto, cortado pela pedra de cima o «monumento». Mas admiro as faianças do fogão e sobre tudo um certo folle antigo, offerecido á actriz por um espirituoso colleccionador, admirador fervoroso da sua belleza e do seu talento.

«Acceite, dizia elle, essa futilidade; é um vestigio raro de uma epocha em que ainda não se tinha inventado o calorifero.

Contrario ás praxes, envio-lhe ao mesmo tempo o folle e as testemunhas. Faça seguir ao processo os tramites que desejar.»

As testemunhas eram a pá e as tenazes, duas maravilhas da industria do ferro.

Devo porventura fallar das portas de nogueira massiça?

Indicarei as suas fechaduras antiquissimas, os ferrolhos enormes (porque todas as precauções são poucas) cinzelados pela mão habil de um Benevenuto moderno?

É indispensavel no entanto resumir esta interminavel nomenclatura de objectos preciosos. Nada direi das tapeçarias das janellas, adaptadas ás do leito, nem das cortinas de ponto de Veneza, que valem bem duzentos luizes, nem do tecto em almofadas, onde se vê o H. S. que se encontra em toda a parte, tanto nas bandeiras das portas, como nas jarras que figuram sobre as mesas.

Até mesmo as cadeiras e as mallas poderiam suscitar inveja ás do museu do Louvre. Prestemos no entanto homenagem a esta Virgem de marfim antigo, esculpida por João de Bolonha, e admiremos este espelho portatil que tanto espanto causou, ha dois annos, na exposição do Corpo legislativo. É uma escultura que não tem preço.

Um inglez offereceu ao primeiro proprietario d'essa preciosidade duas mil libras esterlinas... Mademoiselle Schneider bastou, para obtel-a, cantar uns *couplets*.

É facil presumir que uma organização artistica tão completa ha de reservar todas as suas predilecções para o gabinete de *toilette*.

As peças de prata dourada espalham-se por cima de uma mesa á Luiz XV. Ao lado admira-se um jogo de pentes de tartaruga, cujos tons avermelhados destacam no setim azul. Sete pentes grandes cheguei eu a contar, nos quaes estavam incrustadas em prata as iniciaes da diva.

O fogão, de onyx de Algeria, é guarnecido de velho saxe, nas paredes forradas de cretonne de seda com ramagens vejo duas aguarellas: uma de Morin, representando o camarim da cantora; e outra, um trenó assignado por um pintor russo.

Os moveis mais notaveis d'este aposento, situado por cima da estufa, são dois grandes guarda-vestidos com espelhos, cujas portas medem bem dois metros de largura. Marceneiros e homens da arte extasiam-se perante semelhante *tour de force*. A mim, confesso-o, deixou-me frio este prodigio da marcenaria e passei á casa de banho, guarnecida de alto a baixo de faianças italianas. A tina foi aberta em um bloco de onyx. As torneiras são de prata massiça.

Aprecio mediocrementemente os cumulos: mas é com pesar meu, confesso, que um sentimento de conveniencia me obriga a calar as

impressões despertadas por um certo *retiro*, onde se desenvolveram os requintes da mais doida opulencia.

Mencionemos de passagem o pequeno terraço onde a matilha da diva é todas as manhãs lavada e penteada.

D'este ponto o olhar abrange toda a visinhança: o rei de Hespanha, Sarah Felix e a capoeira das gallinhas, onde a Schneider vae buscar periodicamente os ovos que ali mesmo engole completamente crus.

Será a esta receita que a Bella Helena deve a conservação da sua bonita voz, pura e fresca, d'essa voz melodiosa que levantou a opereta á altura da grande arte? Ignoro-o. O que é certo é que depois do meu faustoso inventario, eu, perturbado de admiração e com o olhar fatigado de tantas irradiações, assentei-me em um *fauteuil* do boudoir... Foi então que a diva abriu o piano e cantou o *Dile-lui*... com a mestria, a seducção e o sentimento de que ella só possui o segredo...

Decididamente, a coisa mais admiravel entre todas aquellas coisas admiraveis é ainda o talento da Grã-Duqueza.

MARX.

## CENTENARIO DE CALDERON

Recebemos, expedida de Madrid, a circular que transcrevemos:

EL PRESIDENTE DE LA COMISION EJECUTIVA

**B. L. M.**

Ala Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão y tiene el honor de manifestarle que habiéndose determinado por los representantes de la prensa periódica contribuir á la mayor solemnidad de conmemoracion del segundo centenario del fallecimiento del eminente poeta dramático Don Pedro Calderon de la Barca, publicando un libro que ha de titularse: *Album Calderoniano*, donde se rinda tributo de público aplauso á los altos merecimientos literarios del autor de *La vida es sueño*, no ha dudado ni un momento en rogarle, fiando en su reconocida ilustracion, que si tiene á bien escribir alguna poesia ó articulo en prosa con destino al dicho libro se sirva remitirlo antes del dia 20 del próximo Abril á los señores Gaspar, Editores, calle del Principe, 4, Madrid.

D. Antonio Romero Ortiz aprovecha esta ocasion para ofrecer a la Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Guiomar Torrezão el testimonio de su mas alta e distinguida consideracion.

Madrid 10 de Marzo de 1881.

NOTA. Publicado el Album Calderoniano, todos los escritores que hayan tomado parte en su redaccion tendrán derecho á un ejemplar del libro, que podrán recoger en la indicada casa de Gaspar, Editores.

Publicamos em seguida o artigo que a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão remetteu para ser inserido, conforme os desejos expendidos pela commissão executiva, no *Album Calderoniano*:

### CALDERON DE LA BARCA

O talento d'este poeta, grande e celebrado entre os maiores, é tanto mais singular quanto é certo que a orientação mental de Calderon não propendeu exclusivamente para as letras, isto n'uma epocha em que ellas brilhavam de todos os fulgores legados pela Renascença, a nova aurora vaticinada pelo Dante e evocada á voz impetuosa de Miguel Angelo e ao impulso melódico de Sanzio, — mas dividiu igualmente a sua extraordinaria actividade n'uma esphera pratica de occupações variadas e por vezes incompativeis.

Calderon, a exemplo de Luiz de Camões, foi soldado, foi espadachim, percebeu uma tença real, e foi além d'isso padre-capellão de Filippe IV.

É exactamente no turbilhão d'esta existencia agitada e complexa que o genio de Calderon desabrocha exuberante, como uma bella flor dos tropicos rociada pelas perolas do orvalho.

Aos 13 annos o poeta escreve uma comedia, *-El carro del cielo*, e consegue attrair para essa primeira tentativa a attenção de Lope de la Vega.

Obedecendo á correlação mysteriosa que faz dos poetas, como diz Taine, uma familia ideal perpetuadora de uma herança commum, Calderon apparece na litteratura hespanhola no momento em que Lope de la Vega declina.

A Hespanha exclusivamente monarchica e catholica dos seculos XVI e XVII, que eclipsava o crescente no Lepanto, que estendia o seu dominio á Africa e combatia o elemento protestante na Alemanha, em França e em Inglaterra, expulsando, como filhos espurios, os judeus e os mouros, acrysolando a fé na chamma das fogueiras do santo officio e nas lanças das cruzadas que lhe absorviam o oiro arrancado ás entranhas virgens da America; a Hespanha, exausta pela violencia da lucta e pela intensidade da paixão, concentrava as derradeiras forças n'essa legião brilhante de pintores e poetas, n'essa ala namorada de paladinos convictos que dobravam o joelho diante da igreja e do throno, celebrando com a palheta e com a lyra a patria e o rei. A esse grupo pertenceram Velasquez, Herrera, Alonzo Cano, Murillo, Zurbaran, Morales, Cervantes, Tirso de Molina, Rojas, Leon, Castro, Moreto, Alarcon, e superior a todos Lope de la Vega e Calderon de la Barca.

Lope de la Vega e Calderon synthetisam o mysticismo ardente e eminentemente castelhano d'essa especie de D. Quixotes, medievos, que envolviam o catholicismo na poesia idealmente voluptuosa de Thereza de Jesus.

Ninguem todavia soube, como Calderon, dar uma forma tangivel a essa indeterminada aspiração poetica e romanesca que constitue o fundo do character peninsular, ninguem alcançou, como elle, fixar em traços vivamente accentuados o typo do *hidalgo* do seculo XVI, que não conhece no grande universo senão tres cousas: o seu Deus, o seu rei e a sua dama.

O merito transcendente da obra de Calderon de la Barca, agitada de um largo sopro cavalheiroso, esse vasto repertorio de comedias cheias de vida e de observação, que valeu ao auctor as homenagens da posteridade e as glorificações da patria, não reside na pintura fiel de sentimentos e caracteres, que singularisou o theatro de Molière, ou no vigor da concepção, que immortalisou o theatro de Shakspeare, mas muito especialmente em ser esse theatro a expressão nitida e profundamente caracteristica de uma epoca e do temperamento de um povo.

O theatro de Calderon é uma escola de galanteria honesta. Uma simples formula moralista: «Sê homem de honra e cavalheiro cortez», bastou ao insigne poeta para entretecer um collar de peças formosissimas, onde a par do enredo imaginoso e fertil em lances commoventes admiramos a linguagem colorida, bordada de recamos e remodelada no mais puro estylo castelhano.

O humorismo analytic de Calderon não exclue o lyrismo delicado que rescendem muitas scenas do seu theatro.

Na comedia *Marianna* escuta-se como que o *ave* da natureza saudando a formosa.

«Arroios, escreve o poeta, sêde para ella espelhos, correi, correi! Aves, saudai o seu rosto, voai, voai! Flores tapetai-lhe o chão, desabrochai, desabrochai!»

Infelizmente, o grande genio dramatico de Calderon nem sempre triumphava da obscuridade gongorica que pesa sobre o seu bello estylo scintillante, tornando-o incomprehensivel mesmo para os hespanhoes.

Assevera a tradição que D. Pedro Calderon de la Barca escreveu 120 peças, afóra os *Autos sacramentales*, que representam outras tantas.

Em todas as suas comedias, é o proprio auctor que espirituosamente o declara, ha inevitavelmente um *caballero* disfarçado e uma dama velada.

O amor da capa e espada passa romanescamente atravez d'esse theatro immortal.

*La vida es sueño*, um drama esplendido e profundamente philosophico, é por ventura aquelle que mais irradiou a gloria do poeta no aprego de todas as nações e no culto de todos os espiritos.

D. Pedro Calderon de la Barca viveu oitenta annos e jaz sepultado na igreja de S. Salvador de Madrid, na capella de D. Diogo de Gevara, á mão esquerda, entrando-se pela porta principal.

A Hespanha, solemnisando hoje o segundo centenario de Calderon, orgulho da nação que o poeta eternisou no seu theatro inimitavel, demonstra mais uma vez á Europa que ao marchar á frente

das hostes modernas em demanda do problema futuro que a attrahe com os seus fulgores longiquos, nem por isso ella deixa de saudar o passado que a engrandeceu na obra genial de um grande poeta.

GUOMAR TORREZÃO.

## HENRI HEINE

De um curioso livro ultimamente publicado, que tem por titulo *Souvenirs et mémoires de madame Joubert*, arrancamos um excerpto interessantissimo que se refere ao brilhante humorista do *Reisebilder*, Henri Heine:

«Heine encarava o estado da sua saude com tanta lucidez como coragem; pedira a meu marido para aceitar o encargo de testamenteiro e exigira que elle lhe indicasse um tabellião de confiança. Este documento foi publicado, com auctorisação minha, em um volume posthumo editado por Michel Lévi: *Allemlães e franeezes*.

A conversa tomara um rumo triste; o doente exprimiu pela segunda vez e com insistencia o desejo de ser enterrado *silenciosamente* e conforme aos habitos da sua vida, *sem cerimonia*.

«As minhas obras devem fallar; eis ahí tudo! E' preciso que saiba, minha querida amiga, que o laurel litterario inspira-me pouco enthusiasmo. Eu sou um guerreiro valente que poz a sua força e o seu talento ao serviço da grande familia humana. Se lhe agradar, colloque sobre o meu tumulo em aspa uma funda e um arco.»

— Com boas frechas? murmurei.

Heine sorriu.

— Eu não lhe peço terminantemente, continuou elle, que me enflore a sepultura com um ramo de *réséda*; lembra-se, minha amiga, que foi essa a flor que me deu a pequena Veronica?

— Lembro-me tambem, repliquei eu, que d'essa paixão infantil não conheci senão o principio.

— E' tempo então de lhe confessar que toda a historia se resume n'esse preludio. Trepando a montanha, a creança brincava com a flor que tinha na mão: era uma haste de *réséda*. De repente levou-a aos labios, depois deu-m'a. No anno seguinte, parti logo que principiaram as ferias. A pequena Veronica morrera! Desde esse tempo, a sua lembrança tem vindo collocar-se atravez de todas as fluctuações do meu pobre coração! Porque? Como? Não é extravagante, mysterioso? Por vezes, scismando n'esse episodio, a sensação torna-se dolorosa como a recordação de um grande infortunio.

Calámo-nos outra vez. As lembranças, o presente, tudo fallava de morte. Desejei desviar o curso da conversação; não o consegui. Relanceei olhares distraidos em torno do doente, e notando pela primeira vez uma especie de aparelho de corda, do feitio de um estribo, pregado á parede e perpendicular ao travesseiro, perguntei-lhe o que significava aquelle novidade.

— Ah! isto é uma invenção gymnastica, feita, segundo dizem, para dar movimento ao meu braço direito. Mas, aqui para nós, supponho que é pelo contrario uma suggestão de força: attenção delicada do meu medico... E ainda ha imbecis, continuou Heine, que admiram a coragem que eu tenho para prolongar a vida. Provavelmente nunca pensaram na impossibilidade em que me acho de procurar a morte. Não posso enforcar-me, nem envenenar-me; e ainda menos queimar os miolos ou atirar-me da janella abaixo; restava-me morrer de fome, ah! mas isso é um genero de morte contrario a todos os meus principios. Pelo menos hão de permittir que eu escolha a forma do suicidio, ou então poupem-me os commentarios.

Nunca Henri Heine pensou em apressar o termo da existencia, em separar-se voluntariamente de sua mulher. Não tinha ella necessidade d'elle? Não era elle o seu protector? Esse papel lisonjeava-o immensamente; enquanto madame Heine tratava das suas flores ou do seu papagaio, era elle, elle o *moribundo*, que ordenava, dirigia e pagava todas as despezas. Depois das dividas que contraira em solteiro, e que tinham sido saldadas por seu tio, um opulento banqueiro de Hamburgo, Heine tornara-se desde o seu casamento exculpabilissimo em equilibrar as receitas com as despezas.....

Nada define o sentimento protector em que Heine envolvia sua mulher. O poeta vibrava sob a influencia magnetica da sua Julietta, influencia tão poderosa, affirmava elle, que o som d'essa voz, o

contacto d'essa mão mil vezes o tinham chamado á vida. Citemos para demonstração d'essa atração irresistivel a anecdota do papagaio, occorrida exactamente no ultimo periodo da existencia de Henri Heine :

Accommettido no meio da noute por uma d'essas crises violentissimas que ameaçavam arrancar-lhe a vida, sua mulher correu para elle aterrada; apoderou-se-lhe das mãos, aquecendo-as, e acariciando-as. Lagrimas ardentes rebentaram e entrecortaram-lhe a voz. Atravez dos soluços Heine ouviu-lhe dizer:

— Não, Henrique, não, tu não farás isso, tu não morrerás! tu has de ter piedade; perdi o meu papagaio esta manhã; se tu morreres serei muito desgraçada!

— Era uma ordem, ajuntou elle, obedeci, continuei a viver; comprehende, minha amiga, quando nos dão boas razões...

O doente divertia-se prodigiosamente a contar-me esta historia; repetia-a muitas vezes, imitando a inflexão commovida da sr.<sup>a</sup> Heine e sublinhando a palavra *papagaio*. Corresponhia perfeitamente á natureza humoristica do poeta commover-se vivamente com a dôr que inspirava, e divertir-se ao mesmo tempo com o aspecto comico de que se revestira essa dôr.

No começo do anno de 1855 tudo presagiava um fim proximo. As cambras repetiam-se frequentemente, e o effeito poderoso da morfina esgotava-se. Foi pouco mais ou menos quinze dias antes da morte de Henri Heine que eu me apresentei muito cedo em casa d'elle; não encontrando ninguem na antecâmara e achando aberta a porta do seu quarto entrei sem ser presentida. Faziam-lhe a cama, em quanto elle jazia em cima de uma especie de *chaise-longue* que passara por successivas transformações antes de chegar a satisfazel-o. Fiquei no limiar, em pé, immovel, adivinhando que o affligiria dar-me o espectáculo do seu aniquilamento. Uma das criadas levantou-o nos braços e deitou-o no colchão, enrolado em flanela. O corpo de Heine, diminuido pela atrophia, parecia o de uma creança de dez annos; os pés pendiam-lhe inertes e torcidos de maneira que os calcanhares estavam voltados para diante no sitio correspondente aos dedos. Que espectáculo! que revolução! que caracter tragico e pungente adquire em presença da reminiscencia de um quadro a magnifica poesia do livro de Lazaro!

«A mulher negra beijou-me, disse-me elle, e eu fiquei paralytico.

«Osculou-me os olhos e eu ceguei!

«Sugou com os seus labios selvagens a seiva das minhas entranhas!»

A estrophe que se segue acrescenta:

«O meu corpo agora é um cadaver onde se debate o espirito.»

Quatro dias antes da sua morte vi pela ultima vez Henrique Heine; conversou com a sua habitual despreocupação; só a inflexão era mais grave.

«É uma coisa bem seria a morte, esereveu la Bruyère; não são os gracejos que lhe convem, ella exige a constancia.»

Esta ultima virtude não abandonou um unico instante o corajo do martyr. Quando, na occasião de nos separarmos puz, segundo o costume, a minha mão na d'elle, Heine reteve-a algum tempo, depois murmurou:

— Será prudente que não se demore muito, minha amiga.

Até ao ultimo suspiro, a sua maravilhosa intelligencia não soffreu a menor alteração. Sentindo-se simultaneamente vivo e morto, é de suppôr que o philosopho observasse em quanto o poeta investigava. Esta convicção, expressa uma vez por Henri Heine, foi o seu pensamento supremo:

— Ha uma parcella divina no homem.

M. JAUBERT.

## BIBLIOGRAPHIA

ADMIRAÇÃO! CARTA Á NAÇÃO PORTUGUEZA

Assim se intitula um folheto que acabamos de receber, assignado pelo sr. Augusto Maria Costa d'Alcantara. O tratado de Lourenço Marques, depois de tentar roubar-nos um pedaço de territorio, tenta agora, e segundo parece com melhor exito, inundar-nos com um aguaceiro de cartas. O sr. Alcantara termina esta sua carta devolvendo ao sr. Gomes Leal o epitheto de traidor e «sentindo vergonha de que o partido Republicano obre assim!»

\*

\* \*

UMA SENHORA ILLUSTRE

Recebemos e agradecemos este livrinho do sr. Miguel de Bulhões, editado pelo sr. Mattos Moreira, acerca do qual fallaremos no proximo numero.

\*

\* \*

Temos recebido mais os seguintes jornaes, que agradecemos:

*Jornal das Viagens*, empreza Ferreira de Brito, illustrado com magnificas gravuras, sendo algumas copias de photographias de Carlos Relvas, e redigido pelos srs. Theophilo Braga e Lobo.

*Correio da noute*, *Primavera*, novo semanario, *Correio das provincias*, *Correio Uberabense*, *Gremio litterario* (Fayal), etc., etc.

## RUMORES DOS PALCOS

Em consequencia da companhia do Gymnasio ter de partir no dia 17 de maio para Coimbra, onde vai dar espectaculos por occasião das festas do Centenario, já não ha tempo para ensaiar e pôr em scena o formosissimo drama de Echegaray, *El Gran Galeoto*,— desistindo por isso Antonio Pedro de fazer beneficio. Não tendo a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão compromisso com a empreza do Gymnasio, que lhe mandara pedir a peça, senão em relação a esta epoca, resolveu destinar a traducção que acaba de fazer do *Gran Galeoto* ao theatro de D. Maria. O sr. Maximiliano de Azevedo tinha igualmente emprehendido a traducção do drama de Echegaray, desistindo lealmente d'esse trabalho logo que soube que a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão o fazia com auctorisação do auctor.

\*

\* \*

A associação musica 24 de junho, inaugurou sob os melhores auspicios os concertos a grande orchestra, dirigidos por Olivier Métra, tendo obtido um successo a *Damnation de Faust*, de Berlioz, essa pagina immortal cujo estranho encanto melodico os francezes não souberam apreciar senão depois de consagrada pela admiração da Europa.

Sentimos que a Associação 24 de junho não tivesse a delicadeza de enviar-nos bilhetes de admissão iguais aos que offereceu aos nossos collegas, o que só pode explicar-se por um lapso involuntario.

\*

\* \*

Santos, esse artista de raça, profundamente moderno, que era uma das mais legitimas glorias do theatro portuguez, e que é hoje umas das mais intensas saudades que pesam sobre o nosso espirito, quando evocamos no mundo das ficções a legião dos heroes aventureiros, dos guerreiros enamorados, dos trovadores de espada á cinta, dos românticos ardentemente apaixonados a que o grande actor transmittia a scentelha creadora do seu prodigioso talento, realisa o seu beneficio no theatro da Trindade em a noute de 7 de maio. Os

convites enviados pelo insigne actor trazem-nos a sua photographia e com ella o vago aroma das flores que hão de affestoar de ridentas galas a sua festa.

Agradecendo a José Carlos dos Santos a gentileza do seu convite, damos em seguida o programma d'esse bello sarau dramatico-musical que vae levar á Trindade Lisboa em peso.

1.º *Homenagem a Santos*, — symphonia de abertura, composta e offerecida ao beneficiado pela sr.ª D. Carolina Lourenço e regida pelo maestro Rogel.

2.º *Trio*, — pelos professores Amelia Alegro, Frederico Guimaraes e Eduardo Wagner.

3.º *Grande Fantaisie sob a opera Mefistofeles*, de Boito — pela banda da guarda municipal sobre a direcção do maestro Gaspar.

4.º *A resposta do inquisidor*, poesia de Gonçalves Crespo, recitada pelo actor Santos.

5.º *A vida d'um rapaz pobre*, — o 4.º acto das ruinas, por A. Vieira, Alvaro e Pinheiro.

6.º *A luceira e o sapateiro*, — duetto do 2.º acto da opera de Offenbach, — *O viver de Paris*, — por Anna Pereira e Queiroz.

7.º *Sinos de Corneville*, — parodia em um acto por Esther e Ribeiro.

8.º *Os Bohemios*, — duetto da opera de Sá de Noronha, por Josepha e Portugal.

9.º *A Bengala*, — poesia comica de Eduardo Garrido, recitada por José Carlos dos Santos.

10.º *As amazonas de Tormes*, — 2.º acto por Florinda, Amelia Barros, Maria Joanna, Ermezinda, A. Rochedo, Leoni, Augusto, Portugal, Andrade e côros.

\*

\* \*

Na 5.ª feira houve em Cintra uma recita por curiosos no *Theatro Brazão*. A sala, que é a antiga estação do *soi-disant* caminho de ferro Larmanjat, comporta umas cento e cincoenta pessoas e estava bem illuminada por umas quarenta luzes de petroleo e stearina, e graciosa e simplesmente enfeitada de era entretecida de flores. Representaram-se as comedias *Diabo atraz da porta*, *Tribulações de um estudante*, *Verduras da mocidade* e *Idéas do sr. Sardinha*.

Os curiosos revelaram todos mais ou menos vocação para a scena, desempenhando distinctamente os seus papeis.

Eram elles os srs. Henrique May, Antonio Cunha, João Duarte Jorge, Alfredo de Oliveira, Augusto Silva, João Augusto Cunha, Cassiano Cabral e a menina Georgina de Almeida, interessante filha do professor da localidade. Foi ensaiador o sr. Carrilho Garcia, ponto o sr. J. A. Ascenção e caracterisador o sr. Augusto Maria da Cunha. Regeu a pequena orchestra, composta de algumas das figuras da philarmonica da villa, o sr. Fernando Augusto de Souza Lobo.

Domingo ha nova recita, que é a terceira, e regularmente succeder-se-hão umas ás outras, não lhes faltando por certo a animação que esta mereceu.

D'aquí applaudimos os curiosos como lá o fizemos, e agradecemos por este meio a deferencia que usaram para connosco offerecendo-nos bilhete de convite, fineza tanto mais para agradecer quanto era grande o empenho de tantos para os obter.

H. Z.

\*

\* \*

Embarcou em Nova-York, com destino ao Rio de Janeiro, uma grande companhia lyrica franceza escripturada pelo empresario Gran. A companhia vai trabalhar no Imperial Theatro D. Pedro II.

\*

\* \*

Dizem-nos do Brazil:

«Falla-se que vai apparecer brevemente em scena uma peça do escriptor que ultimamente mais tem chamado sobre o seu nome a attenção publica. Tem admiradores freneticos, e inimigos implacaveis. Uns dizem que elle é simplesmente um genio, outros affirmam que não passa de um especulador. O que é certo é que as suas obras

têm um cunho perfeitamente individual, e que o seu nome é hoje universal, e a sua fortuna enorme. O publico fluminense vai mais uma vez apreciar á luz da rampa o seu talento. Será mais um successo para os nossos theatros, já que o successo entre nós infelizmente vive só do que importamos do estrangeiro.»

Quem será este portento?

\* \*

Representa-se actualmente no Rio de Janeiro o *Assomoir*, de Zola.

\* \*

A actriz Helena Cavalier, que se acha ha bastante tempo no Rio de Janeiro, fez beneficio no dia 29 d'este mez com o *Pennacho e A cabra cega*.

\*

\* \*

Reabriu o elegante theatrinho *Comédie-Parisienne* de Paris. A peça escolhida para inaugurar os espectaculos intitula-se *La reine des Halles* e é de Paulo Burani. Coube as honras da noute a The-reza, a Patti dos cafés concertos.

\*

\* \*

A actriz Josepha, da Trindade, faz beneficio com os *Tagarellas*, opereta de Offenbach, e a reprise da engraçada comedia do sr. Paulo Midosi, *O sr. Procopio Baeta fica em casa na noute de...*

\*

\* \*

*Opinião de Julio Cesar Machado a respeito da actriz Pepa:*

«É no meu modo de ver, a mais gentil e graciosa actriz de todos os theatros portuguezes.

Conforme o seu nome indica, a origem de Pepa é hespanhola. Creio, porém, que nasceu em Lisboa, ou para aqui veio de pequenina. É uma figura no genero da Sarah Bernhardt, mas mais gordinha e mais formosa. Tem os requebros elegantes de uma artista de raça. O tom gracioso, devaneador; um pouco *reueur*, da melancolia bohemica. Meio princeza, meio cigana. Uma egypcia enxertada em ingleza. Typo original e encantador.

Como actriz é intelligente, veste-se bem, tem bom ar, e possui uma voz, não extensa mas de muito agradável timbre. Calculo que no Brazil hão de dar-lhe estimação. Ella por enquanto sabe pouco, mas vê-se que é susceptivel de aprender, e isso é o essencial, quando se é moça e bonita. Melhor ainda que bonita, é insinuante. Até as senhoras o dizem! E para ellas o confessarem, façam favor de me dizer se não é preciso que seja de veras, mas de veras verdade!?»

A graciosa actriz Pepa segue para o Rio no dia 20 de maio, indo representar na *Phenix*, onde está escripturada por 6 mezes com o ordenado mensal de 40 libras.

\*

\* \*

A propriedade do celebre drama de D. José Echegaray, que obteve ultimamente em Madrid um exito estrondoso, pertence para todos os effeitos e por cedencia especial do autor, tanto em Portugal como no Brazil, á sr.ª D. Guiomar Torrezaõ. Esta senhora concluiu já a traducção, destinando-a ao theatro de D. Maria.

\*

\* \*

Obteve um grande exito o drama *O luxo* do sr. Antonio Ennes, que subiu á scena no theatro de D. Maria em a noite de 27. No proximo numero occupar-nos-hemos detidamente d'este notavel drama.

# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

### PREÇOS

Cada numero . . . . . 20 réis  
Lisboa Assignatura de 25 numeros . . . . . 500 »  
Rio de Janeiro—Assignatura de 25 numeros... 25000 réis  
Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—95, Rua dos Ourives, 95.  
Assigna-se na Livraria Zefeirino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.

## CONSERVARIA OCCIDENTAL DE ANTONIO JOAQUIM PIRES

Premiado nas Exposições de Philadelphia, 1876 :  
Porto, 1877 (primeiro premio), e Paris, 1878 (medalhas de prata e bronze)

Especialidade em fructas seccas, crystalisadas e bonbons fondants.  
Licores, Digestivo, S. Bento e Imperial

FORNECIMENTOS PARA LUNCHS E SOIRÉES  
133, 135 — RUA DE S. BENTO — LISBOA

## A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço  
tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos  
historicos, objectos artisticos  
e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR ESCRITORIO DIRECTOR  
Christovão X. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º X. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 | Semestre 15800 | Brazil Semestre . . . . . 65000  
Anno . . . . . 35600 | Anno . . . . . 125000

## P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, rua de S. Bento

LISBOA

## LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer da Italia.

## MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

★ 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFEIRINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zefeirino.

103 RUA AUREA  
OURIVESARIA  
PEDRO MOREIRA  
Especialidade em objectos de ouro e de prata proprios para BRINDK  
103—RUA AUREA

## ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

Á venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas  
PREÇO 240 RÉIS

## DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 20.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zefeirino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

## HISTORIA DE UM GATO PRETO

12.º SONETO

Falla o visinho major reformado :

O destroço nas joias foi atroz!..  
E, se ellas pertencessem á Izabel,  
Faria ao gato a guerra mais cruel  
Co'a espada que empunhei em Badajoz!

Pacato e velho, erguera-me feroz  
Pra castigar o ingrato... esse Lusbel,  
Que nem mesmo pintado em um painel  
Quizera no solar de meus avós!

E venceria o gato!—juro-o ao ceu—  
Fosse elle assanhadissimo maltez,  
Ou «carócho» mais negro que um chapau!

Vencel-o-hia—provando intrepidez  
Egual ao gaudío que o maroto deu  
Ao Moreira... o tal da Aurea 103.

Typ. de Christovão A. Rodrigues—Rua do Norte, 145, 1.º